

# Uma Vida de Sacrifícios

Roberto Duailibi

Conselheiro da FUNCEB e Membro  
da Academia Paulista de Letras



Muita gente não imagina como é o dia a dia de um militar das Forças Armadas. Poucos, por exemplo, nem sequer sabem que ao ingressar na carreira todos passam a sujeitar-se às normas rígidas de disciplina, por regimes de horário que exigem dedicação total. Ou seja, o militar sabe a hora em que inicia o serviço, mas muitas vezes não sabe a hora em que termina. Além disso, não cabe aos militares escolherem as praças onde servirão. Podem ser destacados para a região amazônica, para o Sul do País, para o extremo Norte, para a região Sudeste. Podem ser ainda enviados a missões de paz, a controle de distúrbios urbanos, a atividades de manutenção da ordem pública, como ocorreu recentemente em Natal, no Rio Grande do Norte, e nas Olimpíadas, no Rio de Janeiro, onde as Forças Armadas atuaram de forma brilhante.

A atividade militar não pergunta a seus membros se querem ou não a transferência. Por isso, não é incomum encontrar alguém que, com vários anos de serviço, já tenha passado por mais de vinte transferências. Essas mudanças representam, para o militar e sua família, abdicar de amigos, de vínculos familiares, de instituições de ensino, de serviços aos quais se habituaram, como dentistas, médicos,

veterinários, shoppings etc. Significa montar e desmontar casas todo o tempo, com móveis e utensílios, significa refazer relações e viver sempre como se não houvesse uma história construída. Como se sempre fosse preciso recomeçar do zero. É uma vida de rupturas, de sacrifícios pessoais.

O General Adhemar, que foi Comandante Militar do Sudeste, mudou de residência, em quarenta anos, quarenta e três vezes. Um número próximo de mudanças enfrentou a família do General Rêgo Barros. Recentemente, conversei com o General Tomás Paiva, que relatou ter mudado de casa vinte e duas vezes, cruzando o Brasil de ponta a ponta e tendo passado por um longo período nas Forças de Paz do Haiti. Se para um profissional das Armas esses movimentos são difíceis, imaginem para seus filhos e esposas? Como explicar, na família, a convivência longe de avós, primos, tios, namorados?

Bem mais recentemente, o Dr. Sérgio da Silva Mendes, do Tribunal de Contas da União (TCU), fez um longo trabalho, de fôlego e dedicação, para tratar do regime constitucional dos militares, para situá-los his-



toricamente, para falar de suas relações com o Estado, da forma como vão para a Reserva, dos seus direitos e deveres. E saibam que há muito mais deveres. Vejam, por exemplo, essas ações de segurança pública, todas de alto risco, num País com tanta violência como é o Brasil. No limite, na defesa da soberania e do território nacional, as Forças Armadas sabem que colocam em risco a vida de seus militares e estes, muitas vezes, saem para a missão, mas não sabem se haverá o retorno ao convívio familiar.

De todo modo, levando em conta que o risco é inerente à profissão, que ao abraçar a carreira o militar entra sabendo de tudo

isso, também é verdade que não pode, por todas essas características e responsabilidades, ser entendido e analisado, no contexto econômico, como um servidor público, muito menos como um trabalhador convencional. Justamente por conta dessas peculiaridades, um militar das Forças Armadas não pode sob nenhuma hipótese receber essa comparação.

Historicamente, os militares sempre devotaram seus melhores anos à defesa do Estado, à defesa da soberania, dos símbolos pátrios, dos limites territoriais de nossas extensas fronteiras. Nesse sentido, sempre exerceram suas funções com abnegação e

despojamento, na medida em que, em muitas regiões, não há outras tropas de outra natureza a ocupar espaços tão remotos e inóspitos como fazem as nossas Forças Armadas. Há destacamentos em muito menor número do que seria desejável e preciso, mas os que atuam o fazem no pleno de suas responsabilidades, atuam com esmero, realizam um papel social que muitas vezes o próprio governo relega a eles de forma pouco regulamentar e regimental. Muitas vezes fazem coisas sem que haja nenhuma regulamentação a respeito, pelo simples prazer de servir, de dar a mão ao cidadão. Entendem isso como dever de conduta, por sua ética e honra militar.

Esses postos avançados, esses batalhões de selva, de engenharia, em muitos casos, são a única presença brasileira ao longo de extensos trechos do território nacional. Aprenderam com os anos a viver isolados, a conviver com tribos indígenas e com povos que habitam nossas fronteiras. Vivem com toda dificuldade, improvisam, passam privações. Estão longe do acesso às coisas, à tecnologia, à comunicação, ao entretenimento. Aprenderam a coibir o tráfico, a manter a ordem. Nesses postos, há várias situações nas quais nem prefeitos, nem políticos se atrevem a atuar. Mas lá está o Exército, com seus militares e suas famílias. A única presença nacional, como um ponto de demarcação.

Posso descrever esses exemplos porque os vi de perto. E não pensem que ao visitar esses destacamentos se ouve reclamações ou mazelas. Ao contrário, a carreira militar dá a todos a nobreza da farda, a honra de servir, o senso de precisão que só a caserna e aqueles verdadeiramente vocacionados podem compreender.

Por isso, fico muito triste ao ouvir críticas aos militares. Posso falar isso de peito aberto, porque, como profissional nos anos 70,

fui vítima de censura no meu trabalho e perseguido. Mas também tive a oportunidade de ver o fim dessa censura que tanto prejuízo causou à imagem do Exército. Deixemos o passado e os erros de parte a parte. Esse sempre foi o espírito pacificador da lei. Prefiro pensar nas novas gerações, nos novos oficiais que compõem a nossa tropa, gente consciente, moderna, humana, que não se nega a atender às necessidades das comunidades que os cercam. Invariavelmente, atendem com serviço médico aos que os procuram, vacinam crianças e adultos, cuidam de estradas, auxiliam no que podem os que mais precisam, exercendo papéis que caberiam aos segmentos públicos de saúde, educação e segurança.

Por seu preparo e obstinação, os nossos militares são respeitados, têm reputação internacional. Por tudo isso, pela atuação sem finais de semana, sem horários específicos, sem recebimentos de horas extras, sem planos de saúde específicos, ser militar chega a ser um misto de sacrifício e aventura. Por tudo isso, por sua história, não cabe aos militares ter um regime previdenciário aos moldes ou nem sequer semelhante às demais categorias de trabalhadores do Brasil. As tentativas de incluir os militares como meio de elevar as receitas de um sistema em mutação, portanto, são totalmente descabidas.

Por suas formas de atuar, por sua dedicação, os militares são constitucionalmente responsabilidade do Estado, são uma espécie de patrimônio permanente do Brasil. Quantas pessoas, jovens, se disporiam a ingressar numa carreira cheia de limitações, privações e sacrifícios? É assim que vejo a necessidade de manter o “status quo” dos militares, só assim seguiremos atraindo pessoas talentosas e vocacionadas à carreira e assegurando aos demais um regime que, ainda que não seja o mais justo, ainda é o que mantém a ordem e a paz em nosso país.